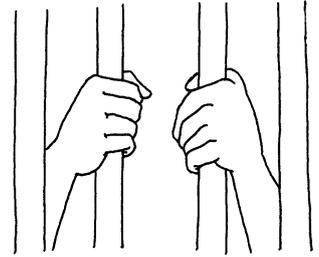


Jovens em situação de reclusão

Etapa 13 – realização do Projeto

Momento 1 - Encontro «Atravessar o muro»



Objetivos

- Compadecer-se dos adolescentes e jovens que se encontram em reclusão;
- Cultivar o sentido de responsabilidade social no respeito pela dignidade da pessoa humana, superando a indiferença geral perante esta periferia;
- Escrever uma carta a um adolescente/jovem recluso, manifestando-lhe proximidade e transmitindo-lhe uma palavra de esperança.

Observações

- Aspetos a atender na redação das cartas, para que se preserve a privacidade:
 - Os adolescentes não podem escrever o seu nome completo nem revelar dados pessoais (morada, telemóvel, email, filiação...);
 - Não convém colocar questões pessoais, pois do outro lado está alguém ferido, a atravessar um momento difícil;
- O ponto 3 do encontro, dá estes critérios aos adolescentes. Pode ser adaptada às circunstâncias.

Materiais

- Cânticos «Inunda meu ser», Diário de Bordo 11, pág. 17 e «Na longa estrada», Diário de Bordo 12, pág. 29.
- Carta do Alexandre;
- Materiais para escrever.

Desenvolvimento do encontro

1. Oração inicial

Como proposto no *Encontro 3 – Escolher*

- Sinal da cruz
- Breve momento de silêncio
- Leitura da apresentação da periferia utilizada na celebração de envio
- Leitura de um excerto da *Fratelli Tutti*:
Jesus desafia-nos a deixar de lado toda a diferença, a fazermo-nos vizinhos de quem quer que seja, a tornarmo-nos próximos dos outros. (Cf. FT 81)
- Pai nosso
- Cântico: «Inunda meu ser», Diário de Bordo 11, pág. 17.

2. Leitura da Carta do Alexandre

3. Resposta à Carta do Alexandre

Introdução:

O Alexandre não é um personagem de ficção. É um jovem real, que se confronta com a privação da liberdade, por causa dos seus actos. Ele representa milhares de jovens encarcerados, dá voz a tantas vozes silenciadas nas celas. Como ele, todos os jovens em situação de reclusão, apesar dos seus crimes, não deixam de ser pessoas, não deixam de sonhar e de desejar um futuro melhor.

Neste momento, és convidado a escrever uma carta a um jovem em situação de reclusão. Deste modo, podes ser um sinal de esperança e um instrumento do amor de Deus para esse jovem. Não o/a conheces. Ele(a) também não te conhece. No entanto, podes manifestar-lhe um gesto de proximidade e transmitir-lhe uma palavra de alento.

No encontro entre o Principezinho e a Raposa, esta diz-lhe que, para se estabelecer uma amizade verdadeira, é necessário, em primeiro lugar, «cativar», «criar laços». Para se cativar alguém, precisamos de tempo, porque, ao contrário das redes sociais, onde é muito fácil e rápido criar amigos, na vida real, as amizades não se criam instantaneamente. Só com o tempo é que as pessoas se vão conhecendo, vão partilhando experiências, vão-se tornando importantes na vida umas das outras e vão criando uma empatia que as faz reconhecer a amizade que as liga entre si.

Na Pastoral Penitenciária, também precisamos de tempo, pois só com o tempo é que podemos criar laços, estabelecer amizades e dar a conhecer o amigo Jesus. Esta tua carta é um contributo preciosíssimo para todos aqueles que vão às prisões criar laços com os nossos irmãos reclusos. Mas, tal como diz a Raposa ao Principezinho, é um pequeno passo, através do qual devemos respeitar o espaço de cada um.

Assim, ao escreveres a carta, basta apenas colocares o teu primeiro nome. Não precisas de escrever a tua morada, nem é necessário revelares aspectos pessoais da tua vida. O mais importante é transmitires o amor de Jesus que experimentas na tua vida e manifestares uma palavra de apoio e esperança.

Do outro lado, está um adolescente/jovem que se confronta com questões difíceis na sua vida. Não sabes o seu nome, o seu sexo, a sua idade, a sua origem ou a sua história. Não precisas de fazer questões pessoais, pois é necessário respeitar o seu espaço. Mas podes ser determinante para a sua vida, para a sua felicidade, para a sua salvação. Podes ser mesmo um instrumento de Deus.

Como não sabes o seu nome, podes começar com um simples: *Olá, eu sou “fulano/a” e escrevo-te para te dizer...*

Se estivesses no seu lugar, o que gostarias de ler?

Redação das cartas

4. Oração final

Cântico: «Na longa estrada», Diário de Bordo 12, pág. 29.

Anexo: Carta do Alexandre, um jovem em situação de reclusão

Olá, eu sou o Alexandre,

Venho por este meio escrever-te e contar-te um pouco da minha história, do meu meio familiar e do meu percurso de vida, ao longo dos meus 24 anos de idade. Posso dizer-te que já passei bons e maus momentos. Já enfrentei muitos obstáculos. Já me senti com forças para enfrentar o mundo, mas também já me senti sem vontade de o fazer, quando me refugiei do olhar dos outros, no escuro da noite e em silêncio, para poder reflectir.

Nessas alturas pedimos a Deus que nos ajude... vezes sem conta. Apesar de ser católico, não tenho uma relação assídua com a Igreja, mas é o nome do Senhor que invoco para sentir alguma tranquilidade. Nesses momentos penso no que devo fazer, para não agir de cabeça fria. Penso no que vivi, no que vivo diariamente, no que ainda posso viver e no esforço que a minha avó faz para cuidar de mim. Tenho receio de perder a pessoa mais importante na minha vida. Penso todos os dias se vou conseguir retribuir o que ela fez por mim. Temos de ajudar quem nos quer bem e quem faz tudo por nós.

Eu fiquei à guarda dos meus avós quando era muito novo. Era muito inocente naquela altura. Passei pela separação dos meus pais. Nessa altura a minha mãe foi para fora do país, com a minha irmã, e o meu pai foi preso. Vivi a minha infância um bocado revoltado. Mantive sempre contacto com o meu pai e criei laços muito fortes. Mas, durante 15 anos, não falei com a minha mãe e não sabia quase nada da minha irmã. E isso deixava-me desanimado e sem saber o que fazer... Eu culpava-a todos os dias pela vida que levava. Mas com o passar dos anos, perdoei-a e percebi que a vida leva-nos por caminhos complicados e tomamos decisões com as quais nos arrependemos. Hoje em dia tenho consciência que já fiz sofrer muito quem me queria bem, com as escolhas que fiz para a minha vida.

Eu sempre fui um jovem muito problemático. Comecei muito novo a cometer crimes. Consumia estupefacientes. Reprovei na escola. Faltava muitas vezes às aulas, para estar com os meus amigos. Alguns deles foram más companhias. Mas isso não desculpa de todo os meus actos. O que aconteceu naquela altura foi porque eu queria fazer. Nesses momentos, até pensamos no que pode correr mal, mas achamos que só acontece aos outros. Temos o ego demasiado grande e achamos que podemos sempre escapar. No meu caso correu mal. Desrespeitei a sociedade e desafiava as autoridades todos os dias. E por isso fui alvo de muitas investigações... fui levado a tribunal muitas vezes.

Deram-me muitas oportunidades... Até que aos 16 anos fui levado para um centro educativo, numa cidade distante. Pelo caminho, só pensava no que me ia acontecer. Por fora não demonstrava os meus sentimentos, mas por dentro tinha algum receio por não saber para onde me iam levar. Cheguei de noite e chovia bastante. Ao entrar, senti que estava a perder a minha liberdade. Não sabia o que me esperava. Não conhecia ninguém e ninguém me conhecia. Estava por minha conta. Levaram-me para um pavilhão, onde estavam outros jovens nas mesmas circunstâncias que eu. Todos diferentes uns dos outros, mas todos no mesmo barco.

Fui levado para um quarto e nesse momento senti a pior sensação do mundo, ao despedirem-se e ao fecharem-me a porta. Nessa noite não dormi, a lembrar o meu passado e a conformar-me que tinha mais um desafio pela frente. Olhava pela janela e imaginava mil formas de fugir dali, para não ser apanhado. Mas quando dei por mim, amanheceu e, entretanto, iam me abrir a porta. Ia conhecer os meus colegas e ia perceber melhor aquela realidade. Com o passar dos dias percebi que a melhor maneira de sair dali era aceitar a realidade, admitir que cometi erros, ter bom comportamento, esforçar-me por ser uma pessoa melhor, com objectivos na vida, e ter fé de que tudo ia melhorar... que era só mais uma fase má da vida. Os dias foram passando... aprendi muita coisa. Concluí o ensino obrigatório e saí mais cedo por bom comportamento.

Fui novamente reintegrado na sociedade. Já tinha idade para trabalhar e tinha vontade de ajudar a minha família. Mas não arranjei trabalho fixo e não tinha dinheiro. E mais uma vez tive uma recaída. Voltei a cometer os mesmos erros e a desiludir a minha família.

Fui detido e voltei a ver uma porta a ser fechada. Fui posto à prova novamente. Mas agora mais preparado para lidar com certas situações... com consciência de que sem trabalho não vamos a lado nenhum... que somos nós quem decide o nosso caminho... que os obstáculos fazem parte do dia-a-dia... que temos de ser fortes e não cruzar os braços... que temos de dizer a nós próprios que vamos dar a volta por cima e que a nossa família pode orgulhar-se de nós.

Nesta prisão, conheci umas pessoas que nos vêm visitar regularmente. Não são oficiais de justiça, não são técnicos, não são professores. São apenas pessoas que nos vêm visitar, que nos vêm ver. O facto de elas virem, permite-nos que possamos sair da cela e que sintamos que não estamos sós. Das primeiras vezes que as vi, preocuparam-se comigo, querendo saber como estava a viver esse momento e que sonhos de futuro tinha para mim. Não me exigiam nada, apenas queriam que eu pudesse reflectir. Disseram-me que vinham aqui em nome de Jesus... eram diferentes das pessoas com que me relaciono aqui. Dizem-me que Jesus se identifica comigo e se revela a todos que me vêm visitar com fé... «estive preso e fostes ter comigo». Não compreendo bem estas palavras, mas apercebo-me de que, apesar dos meus erros, Jesus perdoa-me e dá-me sempre oportunidade para recomeçar. O nosso dia acaba por ser diferente quando nos vêm visitar.

Eu não sei o que o futuro me reserva, mas sei aquilo que não quero. Não estamos no mundo só para existir. Não estamos só de passagem. Melhores momentos virão. Nada acontece por acaso. É tudo uma aprendizagem. Não basta dizeres que queres ser feliz. Tens que escolher o teu caminho para que isso aconteça. Deus abre caminhos, mas somos nós que os temos de percorrer. Nenhum espelho reflecte melhor a imagem de um homem do que as suas palavras.

É um privilégio escrever para quem me ouve. E assim me despeço.